



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Existem momentos e situações que, pelo dramatismo que comportam, pela angústia e sofrimento que provocam e pelos sentimentos distorcidos que nos fazem experimentar, suspiram e exigem uma palavra e uma intervenção mas com “autoridade”. Uma palavra que, mais que portadora de ânimo ou de uma simples solidariedade, seja, efectivamente, aquela oportunidade e momento decisivo de libertação e, tão pior, ou mais, é quando o olhar se volta para o firmamento culpabilizando o Criador pelos erros, falhas e más escolhas da criatura! Há egoísmos não criados, orgulhos não projectados, guerras não idealizadas e demais fraquezas e pecados que, tão só e apenas foram, e são, opções humanas à revelia e à margem do Divino.

E Deus escolhe, chama e quer enviar profetas de hoje e para o hoje, porque é do agora e não do depois, homens e mulheres, com nomes próprios e carismas inspirados, que façam acontecer a divina palavra em palavras humanas. Homens e mulheres que não tenham, tal como Jesus, medo de enfrentar os “espíritos impuros”, porque cheios do Espírito de Deus. E os profetas continuam precorrendo outros caminhos e oportunidades, profetas que nascem das nossas e nas nossas famílias, profetas que ousam “dar com a língua nos dentes” quando o que deve ser não o é e quando o que sou não me faz ser.

Já pensaste que podes ser um destes? E “hoje se escutares a voz do Senhor, não fecheis o coração”.

Há quem prefira os “espíritos” que o Espírito: este pode libertar, fazer emergir novas metas e novos sentidos, novas formas de ser e viver, plenamente abertos à transcendência da própria vida, enquanto os outros só se atarefem em acorrentar mais e mais, em espezinhar e ferir uma vida que, de tão maltratada e vivida se torna indigna. Mais perigosas que “os espíritos que vagueiam por aí para perdição das almas”, como ainda se consegue ouvir por aí, são as almas que se deixam perder e enredar pelo espírito dos “espíritos” que tornam os outros tão impuros quanto o são, deixando rastros de impiedade e divisão. “Almas” sem alma, onde falta o “ruah” e, sobretudo, a tal “autoridade” com que o Mestre falava e agia. Não basta ser uma “boca de prata” ou “falar muito bem”, “vomitar” sabedoria e teologias, morais e moralismos, usar palavras caras e difíceis; não há “canudo”, título ou outros galões que possam valer seja quem for se, de facto, não houver “autoridade” em tudo o que se diz e se faz. E é precisamente aqui que esbarram as pregações, catequeses e demais comunicações, não pela firmeza e potencialidades da Palavra, mas pela fragilidade e não vivência do que anuncia o comunicador. O “faz o que eu digo e não fazas o que eu faço” é, completamente, coisa de outros tempos e de outras realidades. Hoje, a nossa vida é a Bíblia que as pessoas ainda conseguem ler (para além de mexericarem), o que somos é a Palavra que conseguem entender, e o testemunho é a interpretação que alcançam.

Urge entrar nas “sinagogas” do nosso agora, do nosso tempo e realidade, e, para além do culto e do rito, ter a coragem de reconhecer os “possuídos” e a ousadia de os calar e expulsar! Urge calar “espíritos” e deixar falar o Espírito, expulsar “demónios” e integrar o Espírito que tudo purifica e dignifica.

Há prioridades e urgências! Há escolhas e emergências mas há, sobretudo a certeza de que, independentemente das nossas “desautorizações”, Ele terá sempre autoridade.

“Que vem a ser isto?”, questionavam os da sinagoga de Cafarnaum. É bom que a mesma questão seja levantada hoje, aqui, agora e em todos pois é sinal que tens o Espírito e, mais ainda, que tens autoridade.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

IV DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano B

1ª Leitura

Deuterónimo 18, 15-20

«Farei surgir um profeta e porei as minhas palavras na sua boca»

2ª Leitura

1 Coríntios 7, 32-35

«A virgem preocupa-se com os interesses do Senhor, para ser santa»

Evangelho

São Marcos 1, 21-28

«Ensinava-os como quem tem autoridade»

A Palavra de Deus deste 4º Domingo do Tempo Comum garante-nos que Deus não se conforma com os projectos de egoísmo e de morte que desfeiam o mundo e que escravizam os homens e afirma-nos que Ele encontra formas de vir ao encontro dos seus filhos para lhes propor um projecto de liberdade e de vida plena.

A primeira leitura propõe-nos - a



partir da figura de Moisés - uma reflexão sobre a experiência profética. O profeta é alguém que Deus escolhe, que Deus chama e que Deus envia para ser a sua “palavra” viva no meio dos homens. Através dos profetas, Deus vem ao encontro dos homens e apresenta-lhes, de forma bem perceptível, as suas propostas.

O Evangelho mostra como Jesus, o Filho de Deus, cumprindo o projecto libertador do Pai, pela sua Palavra e pela sua acção, renova e transforma em homens livres todos aqueles que

vivem prisioneiros do egoísmo, do pecado e da morte. O “homem com um espírito impuro” representa todos os homens e mulheres, de todas as épocas, cujas vidas são controladas por esquemas de egoísmo, de orgulho, de auto-suficiência, de medo, de exploração, de exclusão, de injustiça, de ódio, de violência, de pecado. É essa humanidade prisioneira de uma cultura de morte, que percorre um caminho à margem de Deus e das suas propostas, que aposta em valores efémeros e escravizantes ou que procura a vida em propostas frágeis ou efémeras. O Evangelho de hoje garante-nos, porém, que Deus não desistiu da humanidade, que Ele não se conforma com o facto dos homens trilharemos caminhos de escravidão, e que insiste em oferecer a todos a vida plena.

A segunda leitura convida os crentes a repensarem as suas prioridades e a não deixarem que as realidades transitórias sejam impeditivas de um verdadeiro compromisso com o serviço de Deus e dos irmãos.

SABIAS QUE...



... no passado dia 25 de Janeiro, se comemorou a festa litúrgica da Conversão de São Paulo?

Nascido em Tarso, Cilícia, provavelmente no ano 5 e com o nome de Saulo, São Paulo, Apóstolo teve o percurso inicial da sua vida marcado pela sua convicção enquanto judeu e cidadão romano tendo sido responsável pela perseguição de muitas das primeiras comunidades cristãs, atribuindo-se a ele, até, a convivência com o mártir do protomártir Estevão.

Contudo, a sua e, por conseguinte, a vida de toda

a Igreja, ficou marcada pelo episódio que mudou, por completo, o seu rumo: a visão que teve de Jesus envolto em luz incandescente que provocou a sua cegueira temporária. Este episódio foi responsável pela sua conversão, assumindo-se como uma das mais importantes em toda a história da Igreja. Esta conversão representa o poder contido na graça divina, poder este capaz de converter até ao mais convicto judeu e perseguidor de cristãos, transformando-o no Apóstolo que tem a iniciativa de evangelizar as comunidades pagãs.

Tendo uma vida, após a conversão, marcada por um carácter evangelizador e apostólico intenso, concretizou, não sou nas numerosas e contínuas viagens apostólicas e sofrimentos e prisões que protagonizou, mas, sobretudo na mensagem reveladora que deixou com a escrita das suas 13 Epístolas ou Cartas, autêntica teologia do Novo Testamento, a missão Evangelizadora que deve guiar todos aqueles que são abrangidos pela graça da revelação de Cristo.

São Paulo, Apóstolo, terá sido martirizado, em Roma, entre os anos 64 e 67, sendo a festa da sua conversão instituída na Gália no século VIII e introduzida no calendário romano no século X.

Confiemos, pois, como São Paulo e convertamo-nos, de corpo e alma, de tal forma que sejamos capazes de afirmar, como ele, que “já não sou eu que vive, é Cristo que vive em mim”.

POR CÁ

Jornada Mundial da Juventude 2023 já tem hino oficial

A organização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2023, em Lisboa, apresentou na passada quarta-feira o hino oficial do próximo encontro internacional de jovens católicos, com assinatura portuguesa, do padre João Paulo Vaz e do músico Pedro Ferreira.

‘Há Pressa no Ar’ parte do tema escolhido pelo Papa Francisco para a JMJ Lisboa 2023 – ‘Maria levantou-se e partiu apressadamente’ (Lc1,39) –, desenvolvendo-se “em torno do ‘sim’ de Maria e da sua pressa para ir ao encontro da prima Isabel, como relata a passagem bíblica”.

O hino tem letra de João Paulo Vaz, sacerdote, e música de Pedro Ferreira, professor e músico, ambos da Diocese de Coimbra; os arranjos são do músico Carlos Garcia.

O tema foi gravado em português e numa versão internacional, com cinco idiomas (português, inglês, espanhol, francês e italiano).

“Ao cantar este hino, os jovens de todo o mundo são convidados a identificarem-se com Maria, dispondo-se ao serviço, à missão e à transformação do mundo. A letra evoca também a festa da JMJ e a alegria centrada na relação com Deus”, indica a organização da JMJ 2023.

O processo de produção em estúdio, realizado em 2020, envolveu jovens de



todo o país, alguns dos quais participantes na competição que, apesar de não terem sido seleccionados, integraram o coro da gravação final.

Os autores explicam que a música surgiu antes da letra, composta por Pedro Ferreira, de 41 anos, numa “pequena sala, sozinho ao piano”, uma melodia “pensada para congregar e unir uma comunidade”.

O padre João Paulo Vaz, de 51 anos, assumiu a missão de escrever a letra: “Com a guitarra na mão, fui escrevendo, como costume fazer”.

“O tema da edição de Lisboa levou-me a rever a minha relação com a Mãe e, portanto, o processo criativo da letra tornou-se um tempo de oração muito

profundo para mim”, acrescenta o sacerdote, que recebeu a notícia da escolha quando estava a celebrar 25 anos de ordenação.

Os autores procuraram apresentar “uma música popular, alegre, juvenil, fácil de aprender e de fácil tradução e adaptação”.

A canção vencedora foi escolhida através de concurso nacional, aberto à participação de portugueses maiores de idade.

O Comité Organizador Local (COL) da JMJ recebeu mais de uma centena de candidaturas, que foram analisadas por um júri composto por profissionais das áreas da música e das artes.

“Como requisitos principais para a

participação na competição foi pedido aos participantes que o hino oficial se inspirasse no lema da JMJ 2023, definido pelo Papa Francisco; nos objectivos da JMJ, entre os quais sobressai o da evangelização; e na cultura portuguesa”, indica a organização.

Recorde-se que a escolha de Lisboa como primeira cidade portuguesa a acolher uma edição internacional da JMJ aconteceu há dois anos, no dia 27 de Janeiro de 2019, no Panamá.

As JMJ nasceram por iniciativa do Papa João Paulo II, após o sucesso do encontro promovido em 1985, em Roma, no Ano Internacional da Juventude.

As edições internacionais destas jornadas promovidas pela Igreja Católica são um acontecimento religioso e cultural que reúne centenas de milhares de jovens de todo o mundo, durante cerca de uma semana.

A primeira edição aconteceu em 1986, em Roma, e desde então a JMJ já passou pelas seguintes cidades: Buenos Aires (1987), Santiago de Compostela (1989), Czestochowa (1991), Denver (1993), Manila (1995), Paris (1997), Roma (2000), Toronto (2002), Colónia (2005), Sidney (2008), Madrid (2011), Rio de Janeiro (2013), Cracóvia (2016) e Panamá (2019).

ENTRE NÓS...

Conversão!! Que conversão??

“Convertei-vos [Arrependei-vos] e acreditai no Evangelho” (Mc 1, 15)

Que significa, hoje, para mim esta frase? Ainda me diz alguma coisa? Será que ainda se deve falar de *conversão* e onde fica a liberdade de cada um? Será que acontece algo de novo e de melhor na minha vida se eu me *converter* ao Evangelho? Quando estou arrependida de algo, quer dizer então que quero converter-me ao Evangelho? Sim, digo logo que sim, se estou à procura de o viver! Que procuro?

Para mim é uma frase sempre do presente, porque, se estou atenta e quero escutar, encontro sempre algo, ainda que pareça pequeno, que necessito de melhorar, cuidar, mudar! Significa que estou “viva”, “desperta”, em caminho!...

Converter pode ser sinónimo de transformar, mudar (mudança de forma ou qualidade, sem mudança de substância), traduzir, revolucionar, etc. Em contexto religioso, é um termo que está associado com a ideia de catequizar, doutrinar ou até persuadir. No mundo digital, por exemplo, também se usa a palavra “conversão” ou “converter” para poder transformar, em formatos e configurações diferentes, com qualidade e mais ou menos segurança, os mesmos conteúdos que se queriam transmitir e partilhar! Embora seja preciso aprender a fazer tudo isto, depois torna-se até fácil e rápido de conseguir, bastará clicar e está feito!

A *conversão* de que quero falar é outra, leva mais tempo! É querer viver cada dia, ao jeito de Jesus Cristo, deixando-se guiar e mover pelo Espírito Santo! É perguntar-me se estou a viver o Evangelho nos pequenos e grandes detalhes do meu dia! O que penso, decido, o

que digo, faço ou deixo de fazer, o que guardo dentro de mim, o que levo aos outros, parece-se ao estilo de Cristo? Ou, na verdade, continuo a pensar que são os outros que se devem *converter*?

Em toda a história da Igreja, sempre marcada por diferentes culturas e modos de viver em sociedade, podemos perceber, que uma das suas grandes missões foi levar a cabo a conversão dos povos ao cristianismo. No entanto, nem sempre soube propor a fé católica conseguindo, ao mesmo tempo, dialogar e valorizar a riqueza de cada cultura. Hoje, a Igreja apresenta-se muito mais próxima da realidade de cada cultura, grande exemplo disso é o grande Sínodo da Amazônia. Podemos dizer que recuperou o verdadeiro sentido da conversão: o encontro com Cristo e adesão ao seu Evangelho, na diferença e atualidade de cada contexto cultural e social!

Sendo assim, se estivermos atentos à forma como hoje vivemos a nossa fé, vamos encontrar, várias vezes, um contraste na forma como olhamos hoje para missão da conversão dos povos! Parece que fomos para o outro extremo, no sentido de que já não sentimos, com tanta força e convicção, a responsabilidade e o desejo de propor, de falar da conversão ao Evangelho, de partilhar a nossa fé! Estaremos cansados, desiludidos com algo? Teremos deixado de cuidar e cultivar a nossa fé? Sinto necessidade de *conversão*?

Quando vivo a experiência de encontro com a pessoa de Jesus, os Seus valores e forma de ver a vida, espontaneamente brota o desejo de que outros o experimentem, de O dar a conhecer! Partilho algo da minha própria experiência. Na minha família encontro-me com vivências diversas da fé, de relação com Jesus e



com a Igreja. Eu sinto que transmito a fé pela forma como vivo e penso, sem ter a preocupação de que eles também a vivam como eu ou até mais! Mas, de facto, há bem pouco tempo, surgiu-me a dúvida, perguntando-me porque é que não tenho essa preocupação e inquietude de que vivam mais a fé em Cristo e como Igreja? Fica em mim o desejo de fazer mais caminho nesta missão! Senhor, que queres que eu faça?

Ir. Célia Faria
Religiosa de Maria Imaculada - RMI